

REVISTA: Visão - nº 3 - pg. 85
DATA: 1º de agosto de 1977
LOCAL: São Paulo-SP
TÍTULO: Artes Visuais - Concretos
AUTOR: Racz, Georges

[Projeto construtivo, brasileiro, na arte, no MAM do Rio de Janeiro.]

Embora o estímulo à pesquisa, ao questionamento e, principalmente, à abertura de horizontes criativos seja uma das facetas fundamentais de museus de arte moderna, a catalogação e mostra de artistas e tendências representativos da história da arte moderna e contemporânea é a outra face, distinguindo esse tipo de instituição de meras galerias. A exposição "Projeto construtivo brasileiro na arte" — um trabalho de organização do mais alto nível que envolveu a diretora da Pinacoteca do Estado de São Paulo e responsável por sua idealização, Aracy Amaral, e os artistas Lygia Pape e Ronaldo Rego Macedo — é um desses acontecimentos que justificam a existência de museus.

Surgido como uma tomada de posição altamente intelectualizada e abstrata em momentos de ruptura — não foi por acaso que o russo Malevitch desenvolveu o suprematismo de 1913 até 1920, quando o onipotente Estado soviético decretou as excelências do realismo socialista —, o construtivismo propõe a substituição da massa por linhas e planos cercando o espaço vazio; e os construtivistas, assim, visam à reconstrução do mundo, para isso expandindo sua atividade a todos os campos da arte, inclusive a arquitetura.

Baseada na proposta do concreto como manifestação autônoma e objetiva, como formulada pelo suíço Max Bill, a arte concreta partiu em busca de valores estruturados em si mesmos, sem relações com a natureza ou a sociedade — posição de extremo romantismo, jamais admitido por seus adeptos, mas que continha em sua profunda alienação os germes da modificação e do re-engajamento. Isso ficou manifesto no breve momento do neoconcretismo no Brasil, procedente da nova figuração. Mas, enquanto "tendência do abstrato geométrico" no país, o construti-

exposição
Colletive

Instituto

de arte

Contemporânea

vismo está bem vivo e vem fertilizando até hoje a arte brasileira, influindo em tendências jamais desligadas da idéia de reconstrução.

A exposição dividiu-se em quatro núcleos: artistas com trabalhos nitidamente construtivos realizados antes do surgimento dos grupos concretos e neoconcretos, como **Ivan Serpa**, Mary Vieira; participantes do concretismo e neoconcretismo, como Lygia Clark, Geraldo de Barros, Hélio Oiticica; artistas não vinculados ao movimento, mas rigidamente concretos, como Ubi Bava, Alfredo Volpi; artistas construtivistas na linguagem e contemporâneos do movimento concretista, como Maria Leontina, Samson Flexor, Rubem Valentim. Há ainda uma ala reservada à poesia concreta, ligada ao projeto dos irmãos Campos e Décio Pignatari.

Nunca é excessivo salientar a importância do movimento concretista no Brasil, nascido em São Paulo com plena maturidade na Primeira Exposição Nacional de Arte Concreta, de 1956, e realizada no Rio de Janeiro no ano seguinte. Foi uma manifestação global, radical e excludente, que marcou um período de extraordinária fertilidade intelectual.

O Grupo Frente já existia no RJ em 1954

Instituto de Arte Contemporânea